A Semana de Lisboa

Supplemento do Jornal do Commercio

DIRECTOR — ALBERTO BRAGA

N.º 34	Domingo 20 de agosto	1893

D. Isabel de Saldanha da Gama

Os retratos não dizem e não podem dizer tudo; nem que a luz os imprima servilmente na placa sensivel, nem mesmo que uma alma de grande artista procure fixar na tela os reflexos de outra alma. Por que, se ás vezes conseguem dar-nos isto que chamamos a expressão, como que uma illuminação vinda do interior, nunca poderão immobilisar a mobilidade, nunca poderão condensar as mil transformações, rapidas, subtis, quasi insensiveis, em que transparecem os successivos estados do espirito, subtis e rapidos tambem. E a sr.ª D. Isabel de Saldanha está especialmente condemnada a não ter um bom retrato. Nenhuma physionomia é mais intellectual que a sua; nenhuma traduz mais instantaneamente as fugitivas impressões do momento, quer o seu olhar, claro e direito, severo ás vezes, vá ao fundo das cousas e das pessoas, quer a expressão se adoce em um dos seus encantadores e luminosos sorrisos. E é n'esta sensibilidade externa ao que pensa e sente; n'esta especie de transparencia, que está a sua seducção, por que o olhar tem a intensa luz da intelligencia fundamente cultivada, e o sorriso tem a larga tolerancia da bondade natural — uma bondade apenas levemente maliciosa, como todas as bondades intelligentes.

O fino encanto da sua expressão, ou antes das suas expressões, vem da luz interna, do alto espirito, culto sem vestigios de pedantismo, agudo sem malevolencia, amadurecido na experiencia da vida sem seccura ou azedume. É que o seu alto espirito está ao serviço de um coração ingenitamente bom, de uma sensibilidade de artista, vibrando na presença de tudo o que é bello. E assim, o seu caracter serio e recto, assente nas firmes bases de um lucido bom senso e de solidos principios, suavisa-se na quente benevolencia do coração, como se alarga nas finas inspirações da arte.

A estes dotes de espirito e de caracter, mais ainda que ás indicações derivadas do seu illustre nascimento, deveu a sr.ª D. Isabel de Saldanha o ser chamada á honrosa e difficil missão de dirigir a educação do Principe real e do Infante D. Manuel. Quanto honrosa, mas quanto difficil esta missão de educar homens! A instrucção virá depois, larga e completa como cumpre; mas quanto mais complicada e essencial a educação, o trabalho lento e paciente de seguir hora a hora a evolução das pequeninas almas que se estão formando, de deslindar todos os germens do que é necessario desenvolver, todas as tendencias que é necessario destruir, de ir mostrando pouco a pouco aos infantis espiritos, apenas abertos á luz, o que é justo e o que é bom, o que ha de ser eternamente justo e bom na vida.

Difficil em todos os tempos, e mais ainda n'este nosso tempo, tão perturbado e tão perturbador; n'este nosso tempo, em que na successão vertiginosa dos acontecimentos, na instabilidade desnorteada das idéas, o fio da tradição se quebrou, e as vontades parecem fluctuar ao acaso; n'este nosso tempo, que os espiritos fracos — vulgarmente chamados fortes — teimam em qualificar de seculo das luzes, talvez por que é o do gaz e da electricidade, mas que dia a dia se vae envolvendo em mais densos e obscuros problemas moraes. Singular tempo, em que a consciencia individual, como a cons-

ciencia collectiva, hesitam buscando um rumo: em que, sobre as ruinas do orgulhoso racionalismo, surge de novo a aspiração ao ideal, mais necessario á alma humana que uma sede de agua a um caminhante cansado; e em que esse ideal, quando não busca a disciplina severa da igreja, se perde e se esvae em phantasticas manifestações de mysticismos doentios. Singular tempo, em que, sob a superficie brilhante da civilisação, illuminada hoje a electricidade e ámanhã Deus sabe a quê, sulcada de expressos e *club-trains*, elegantemente requintada, rutilante de pedrarias, rescendendo exquisitas essencias de orchideas exoticas, sob essa brilhante superficie fermentam e rugem as miserias e as coleras accumuladas: em que a egualdade politica torna mais sensivel, acre e dolorosa, a desegualdade social; e as egoistas resistencias dos que gosam, como as violentas reclamações dos que querem gosar, ameaçam a cada momento duas das grandes bases de toda a sociedade — a justiça e a ordem. E para este nosso tempo, para o incerto dia de ámanhã, envolto na cerrada nevoa do desconhecido, prenhe de tempestades, é necessario educar homens, que — como o homem de Horacio — possam assistir impavidos a todas as ruinas.

Difficil a missão de educar homens, e ainda mais a de educar principes, isto é, homens, que pelos privilegios como pelas obrigações do nascimento têem de ser os primeiros no serviço do seu paiz. Por que aos principes é vedado o supremo refugio da abstenção, este ultimo recurso dos espiritos finos, que, magoados pela chata vulgaridade do dia, cruzam os braços e deixam passar a turba militante. Isto, que em nós mesmos, simples cidadãos, é condemnavel, seria n'elles mais que condemnavel, seria como um abandono de posto. *Noblesse oblige*, não simplesmente a expôr-se ás balas dos inimigos da patria, o que é facil; mas a não ter um instante de desalento nas pequeninas luctas de todos os dias, tantas vezes duras e tantas vezes repugnantes — o que é bem mais difficil.

E nunca aos que têem de luctar, aos que, pelos impulsos da propria vontade ou pelos imperiosos deveres do cargo, têem de intervir activamente na vida e nas transformações da sociedade, nunca a esses foram necessarias mais altas qualidades do que na hora presente; nunca lhes foi mais necessario um espirito lucido e sereno, sem chimerás e tambem sem secco e arido scepticismo; uma vontade viril e firme, sem desanimos e tambem sem impensadas violencias; e sobretudo, nunca lhes foi mais necessario o respeito e o amor, intenso e vivo, á rectidão e á justiça — não á simples e estreme justiça, que ás vezes póde ser injusta, mas á justiça, adoçada pela bondade, illuminada pela tolerancia, aquecida pela piedade. Já passou — se acaso existiu — o tempo do *Principe* de Machiavelli, astucioso, duro e cruel; e se hoje aos principes cumpre serem firmes e previdentes, cumpre-lhes tambem serem justos e bons, por que a justiça e a bondade serão sempre as mais seguras normas da vida.

E é n'esta difficil e alta missão de educar principes, que a sr.ª D. Isabel de Saldanha empenha todos os recursos do seu espirito, todos os cuidados desvellados do seu coração. Ámanhã, a instrucção e a educação dos moços principes, crescidos em annos, passará a ser confiada aos homens, que El-Rei, seu pae, na sua alta sabedoria escolher para o desempenho de tão honroso cargo. E elles escutarão os seus prudentes avisos e conselhos; e terão sobretudo para os guiar os avisos e conselhos de seu Augusto pae, como terão tambem o seu exemplo e os dos seus maiores. Hoje, porém, estão ainda entregues aos cuidados femininos, á doce influencia da mulher, aos seus carinhos conchegadores, á sua intuição subtil, ao seu tacto infallivel, tanto mais infallivel, quanto é muitas vezes inconsciente e um simples impulso de amor. E pode-se dizer, que estão bem entregues: primeiro aos cuidados de sua mãe, a Rainha de Portugal, de quem o respeito me impede de fallar; mas que todos os portuguezes veneram e admiram, como uma alma limpida e bem temperada, guiada por uma alta comprehensão do dever, e aberta ao mesmo tempo ás mais doces inspirações da benevolencia e da caridade: depois á sr.ª D. Isabel de Saldanha, a quem nenhuma maior homenagem poderiamos prestar — os que temos a honra de a conhecer — do que affirmar, que a Rainha encontrou n'ella uma collaboradora, digna de Si e da missão que lhe confiou.

Conde de Ficalho.

No proximo numero, medalhão do Conde de Valbom. Artigo de Augusto Ribeiro.

POLITICA SEM POLITICA

O facto culminante da semana é a inauguração do *cabo dos Açores*, a qual deu logar a singulares revelações por parte do sr. presidente do conselho.

A primeira é que o referido cabo é propriamente um mimo pessoal de S. Ex.ª aos seus conterraneos. Foi o illustre estadista, que, vendo que ninguem se mexia, nas horas vagas se foi entretendo, em vez de fazer colheres, como succede na ociosidade dos simples mortaes, a entretecer o cobre, o ferro e o esparto, que depois alcatruou tudo

muito bem alcatroadinho, e que, finalmente, fretando o *Seine* do seu proprio bolsinho, o metteu dentro, dirigindo-o sobre os Açores com a rubrica «*Remette Hintze Ribeiro*», isto com aquella mesma simplicidade com que os grandes homens costumam confiar ao correio... as suas encommendas postaes.

Não é verdade, dirá o leitor da *Semana*. Quem enviou o cabo foi a *Telegraph Construction and Maintenance Company*, a quem o governo, em harmonia com uma lei do parlamento, fez a concessão.

Pois está enganado o leitor, foi o sr. presidente do Conselho que tudo fez, e senão veja-se a guia de remessa com que o cabo sahio de Carcavellos no domingo passado. Diz assim:

«De bordo do *Seine*, Hintze Ribeiro, com viva e fraternal congratulação aos seus conterraneos, lhes envia o cabo telegraphico, que por tantos annos reclamaram. Até que emfim! O velho continente de Portugal estende pelos mares fóra, um braço enorme para comsigo enleiar os Açores. Que este salutar amplexo inspire a todos sentimentos de affecto e de justiça.

Então quem foi que enviou o cabo? Não foi o illustre presidente do Conselho? Digam lá que não, se são capazes!

Mas na sua muita munificencia, o sr. Cons.º Hintze Ribeiro, não se limitou, o que já foi um lindo brinde, a enviar o cabo. Enviou tambem, como o leitor poude apreciar, algumas innovações, tanto grammaticáes, como geographicas, que são outras tantas revelações do espirito, a um tempo dadivoso e creador do illustre estadista.

Effectivamente, o «com viva e fraternal congratulação *aos*...» e a noticia de que, aos quatro continentes até agora conhecidos, ha a juntar um novo, «o continente de Portugal, hão de produzir grande impressão nos Açores, e sobretudo no presidente da Junta Geral de Ponta Delgada, a quem é pessoalmente dirigido o bilhete do sr. presidente do Conselho, e o qual, se não estamos em erro, accumula com essas funcções as... de professor do Lycêo.

No «continente de Portugal» o mais impressionado com prova presidencial foi o nosso amigo *Caturra J.or*, que acaba de publicar a 3.ª edição das suas interessantes *Lições praticas de portuguez*, e que se propõe dedicar a sua proxima 4.ª edição ao novo e graduadissimo collaborador, que o lançamento do cabo para os Açores tão imprevistamente lhe proporcionou.

Tambem ha alguns rapazinhos do nosso conhecimento que se queixam da nimia severidade de que o sr. P.e Simões usou para com elles.

Impoliticus.

O ESQUELÊTO

De pé, sobre a banquêta onde perfilas
A irritante carcassa erecta e ôcca,
Como se expande o teu sorrir sem bôcca,
E o teu olhar se espraia sem pupillas!

De roda, emquanto frio rejubilas,
A turba, ou te interroga, em gritos, rouca,
Ou te olha absorta, n'um scismar de louca,
As descarnadas vérterbras tranquillas.

Que é da luz que do craneo te jorrava,
E que outr'ora soberba te domava,
Ó sphinge marmoral do eterno somno?...

E o mudo ri-se, silenciosamente...
Com o desdem ironico e mordente
D'um velho escravo que expulsasse o dono.

DANIELLA.

CHRONICA ELEGANTE

CARTA A GRAZIELLA

Formosa Graziella.

Chamo-lhe formosa, porque me assevera que o é, e porque assim o confirma o facto de não dizer mal de ninguem.

Só são maledicentes os defeituosos: a maledicencia é sempre filha da inveja. O plebeu diz mal do nobre, o estupido do homem de talento, o pobre do rico, o mandrião do laborioso, e, entre as mulheres, só diz mal das formosas a que o não é. De forma que o menor defeito physico origina sempre um grande defeito moral. Basta uma verruga, uma pequenina e simples verruga na ponta do nariz, para azedar para arripiar, para torturar eternamente uma alma!

Não ha exemplo, nem na historia, nem na phantasia, de uma mulher formosa dizer mal da sua semelhante. Madame Récamier, que foi das mais bellas, das mais seductoras e das mais triumphantes mulheres que tem havido em França, nunca disse mal d'outra mulher, e só teve um grito de lamentação, mas esse sincero e profundo, quando notou que os carvoeiros de Paris já não ficavam extacticos ao vel-a passar na rua, exclamando: — Como ella é formosa!

A Helena, a famosa princeza grega, que foi causa da guerra de Troia, e que a mythologia apresenta como a mais bella mulher do mundo, tambem não murmurava da formosura das outras, e a unica pessoa que ella detestava e que repellia, mas detestava e repellia do fundo da alma, era Menelau, o seu legitimo marido! Coitado! Coitadissimo do Menelau!

Ainda agora, n'estas noites suavissimas de calma, a tenho ido ouvir ao Colyseu. Pobre e desditosa Helena! Quando se vê deslumbrada e seduzida pelos encantos de Páris, leva as mãos ao peito, n'um gesto de afflição, e justifica a

sua fragilidade pelo abandono de Venus, perguntando chorosa:

Venere, di
Qual piacere trova tu
A fare cosi
Vacillar, vacillar la virtu?

Esta invocação até faz chorar!

O que ha-de ella fazer, pobre princeza, vendo sempre ao seu lado o Menelau tão feio, e avistando perto o tão formoso Páris?! A situação é na realidade critica! É de fazer, como ella diz:

Vacillar, vacillar la virtu!

Santa Thereza, a linda hespanhola, que trocou a mantilha de rendas andaluza pelo humilde habito de carmelita, até do proprio Diabo dizia bem, pelo facto de elle ser tão mao, e provocar o odio de toda a outra gente.

Já vê, pois, Graziella, que, quer subindo ao Olympo, quer atravessando os salões, quer penetrando nos claustros, se não encontra uma só mulher formosa que seja maledicente. Nem uma só!

E, depois, o que ainda mais desespera e mais irrita as feias é verem que por mais ricos que sejam os velludos com que se enfeitem, por mais preciosas que sejam as joias com que se adornem, apesar da riqueza d'esses tecidos e do brilho d'essas pedras, lá fica sempre, immutavel, visivel, saliente e inexoravel, como um estygma, a terrivel verruga na ponta do nariz! Para a mulher linda e perfeita basta o enfeite d'uma simples flôr, espetada no rôlo da trança, á antiga moda hespanholla, ou espetada, á moda franceza, no decote do vestido! Esta será sempre linda, ainda que não tenha enfeites e esteja, como a mulher pintada pelo Padre Manuel Bernardes. «com quatro lagrimas choradas debaixo do seu manto e com um crucifixo deante dos olhos em logar do espelho!»..

E ahi tem a razão porque eu prefiro o convivio das mulheres formosas: a sua conversa é graciosa e clemente. A mulher feia, pelo contrario, procura sempre no individuo que tem ao lado ou a collaboração ou o applauso na maledicencia. Se não poder transformar em duetto a aria de *D. Basilio,* deseja ao menos quem a escute. E assim, de feia que é, torna-se feiíssima. De uma mulher que tinha uma lingua viperina, dizia-me um dia um engraçado andaluz:

—*É un sargento de caballeria*!

E é verdade! Todas ellas, por mais dôce e unctuosa que seja a sua voz, por mais ternura que dêem ao sorriso, me parecem, em começando a dizer mal, verdadeiros sargentões de cavalleria! Só ellas teem o mau sestro de transformar o mais delicado recanto de um salão n'um grosseiro recanto de quartel!

A Graziella é formosa, e por isso me prende e me encanta ter de sustentar comsigo esta correspondencia, alegre, ligeira, despretenciosa, como de um velho amigo para uma amiga, sem necessidade de ir pôr os punhos de renda de Mr. Buffon para melhor aprimorar o estylo. E isto é tanto mais do meu agrado, quanto me é sinceramente antipathico o estylo refundido, arrevezado e torturado de alguns escriptores modernos, que collocam palavras de contrabando, umas após outras, da mesma forma que os calceteiros collocam nos passeios as pedras de diversas côres para—fazer mosaicos!

Já vae longa esta carta, Graziella. Se a tiver lido até ao fim, sentada á sombra do seu castanheiro, receba os meus cordeaes agradecimentos.

E d'aqui lhe mando uma flôr para collocar no decote do seu vestido, e conjunctamente uma pedra pomes para limpar a tinta dos dedos.

Adeus, Graziella.

GRAZIEL.

FOLHETIM

O BEGUINO

Quem hoje passa pela cadeia da cidade de Lisboa, edificio immundo, miseravel, insalubre, que por si só bastara a servir de castigo a grandes crimes, ainda vê na extremidade d'elles umas ruinas, uns entulhos amontoados, que separa da rua uma parede de pouca altura, onde se abre uma janella gothica. Esta parede e esta janella são tudo o que resta dos antigos paços d'apar S. Martinho, igreja que tambem já desappareceu, sem deixar, sequer, por memoria um panno de muro, uma fresta de outro tempo. O Limoeiro é um dos monumentos de Lisboa sobre que revoam mais tradições de remotas eras. Nenhuns paços dos nossos reis da primeira e da segunda dynastia foram mais vezes habitados por elles. Conhecidos successivamente pelos nomes de *Paços d'el-rei, Paços dos infantes, Paços da moeda, Paços do limoeiro,* a sua historia vai sumir-se nas trevas dos tempos. São da era mourisca? Fundaram-nos os primeiros reis portuguezes? Ignoramol-o. E que muito, se a origem de Sancta Maria Maior, da veneranda cathedral de Lisboa, é um mysterio! Se, transfigurada pelos terremotos, pelos incendios e pelos conegos, nem no seu archivo queimado, nem nas suas rugas caiadas e douradas póde achar a certidão do seu nascimento e dos annos da sua vida! Como as da igreja, as ruinas da monarchia dormem em silencio á roda de nós, e, envolto nos seus eternos farrapos, o povo vive eterno em cima ou ao lado d'ellas, e nem sequer indaga porque jazem ahi!

Na memoravel noite em que se passaram os successos narrados no capitulo antecedente, essa janella dos paços d'el-rei era a unica aberta em todo o vasto edificio, mas calada e escura, como todas as outras. Só, de quando, em quando, quem para lá olhasse attento do meio do terreiro enxergaria o que quer que fosse, alvacento, que ora se chegava á janella, ora se retrahia. Mas o silencio que reinava n'aquelles sitios não era interrompido pelo menor ruido. De repente, um vulto chegou debaixo da janella e bateu devagarinho as palmas: a figura alvacenta chegou á janella, debruçou-se, disse algumas palavras em voz baixa, retirou-se, tornou a voltar e pendurou uma escada de corda que segurou por dentro. O vulto que chegara subiu rapidamente, e ambos desappareceram através dos corredores e aposentos do paço.

Em um d'estes ultimos, alumiado por tochas seguras por longos braços de ferro chumbados nas paredes, passeava um homem de meia idade e gentil presença. Os seus passos eram rapidos e incertos, e o seu aspecto carregado. De quando em quando, parava e escutava a uma porta, cujo reposteiro se meneava levemente; depois continuava a passear, parando, ás vezes, com os braços cruzados e como entregue a cogitações dolorosas.

Por fim, o reposteiro ondeou d'alto a baixo e franziu-se no meio; mão alva de mulher o segurava. Esta entrou, e após ella um homem alto e robusto, vestido de burel e cingido de cinto de esparto, d'onde pendiam umas grossas camandulas. A dama atravessou vagarosamente a sala e foi sentar-se em um estrado de altura de palmo, que corria ao

CONSELHOS E RECEITAS DE D. CLARA

A SALA DE JANTAR

«Todo o animal come, mas só o homem sabe comer» — dizia Brillat-Savarin.

O requinte da civilisação, da elegancia e do gosto, não se contenta que o homem saiba comer, exige ainda que disponha a sua casa de jantar d'um modo especial.

Póde esta sala — segundo os gostos de cada um — ser de um aspecto alegre ou severo; pode ser — segundo os recursos de que se dispõe — rica ou simples.

Tudo o que se póde aconselhar é que os unicos moveis que n'ella ficam bem, afóra a mesa grande e as cadeiras, são os aparadores e os buffetes, em que se expõem os crystaes e a baixella, e umas pequenas mesas, a que os francezes chamam *tables-servantes*, e que são sempre de uma grande utilidade para o serviço.

As flôres são admittidas para decorar a mesa. As velhas e raras faianças, taes como pratos, potes, travessas etc. os velhos estanhos, ficam muito bem n'esta sala, e melhor do que n'outra qualquer.

Segundo a opinião das pessoas de mais fino e mais delicado gosto decorativo, as faianças antigas e os estanhos que, em algumas salas se vêem pendurados pelas paredes, ficam muito melhor espalhando-os artisticamente pelos buffetes e pelos aparadores.

Não só n'esta, como em todas as outras salas da casa, deve haver cuidado e escrupulo em não confundir grosseiramente os estylos, misturando o bello com o imponente.

O fogão, que, no inverno, é resguardado por um bom guarda-fogo, póde, no verão, ser guarnecido de plantas verdes, o que contribue para dar á sala um aspecto mais fresco.

UMA RECEITA

A influenza. — Um medico estrangeiro de nomeada recommenda aos seus clientes que, logo que a epidemia da *influenza* se declara, se devem comer muitas laranjas, a fim de se evitar a molestia.

Os nossos doutores que digam o contrario, se assim o entenderem.

ENLEVO! ENLEVO! ENLEVO!

A UMA QUERIDA AMIGA

Como o *refrain* de uma canção, voltava-lhe aos ouvidos essa phrase!

Encostada ás almofadas da cama, meio deitada, tendo entre as mãos um rosario, debalde ella queria concentrar-se na prece habitual. Balbuciava as primeiras palavras e em seguida: — Enlevo! Enlevo! Enlevo! Era o que repetia.

....

Já lá ía tão longe tudo isso! Tinham passado tantos annos, tantos, que nem ella, porventura, poderia já contal-os!

No tempo em que era nova, quando os seus cabellos tinham a côr azulada que teem as azas dos corvos e os seus olhos o reflexo divino das estrellas do ceu, tinha ella amado e muito amado, com o raro amor que nunca pensa em si. O homem que ella amára, valera tudo isso. Retribuira, egualmente todo aquelle amor; mas a vida — ou vida não seria — magoára-os sempre, sempre. Nunca os deixára ser mais do que um sonho irrealisavel na mente d'elle e d'ella... Um sonho todo encantos e todo lagrimas!

....

E ella era já muito velhinha agora... Os seus olhos amortecidos só viam, no presente, o tempo já passado. Tudo mais lhe era indifferente, tudo!

Pela camisa entreaberta via-se um escapulario pequenino... «*Salve Rainha, Mãe de Misericordia...*» E, novamente o *refrain*. Havia tantos annos, Senhor! que aquella phrase lhe não cantava aos ouvidos a voz que idolatrára... E começar a *vel-o* como elle era então, com os seus olhos risonhos e a sua figura esbelta; começar a recordar esse romance todo! Um romance de amor!... Os seus cabellos brancos e sedosos, escapavam-se em anneis da coifa de dormir. A sua bôcca de creança crispava-se em um sorriso amargo de saudade; toda a sua figurinha *mignone* outr'ora

---

longo d'uma das paredes do aposento. O homem que passeava assentou-se tambem, no unico escabello que alli havia. Frei Roy, que o leitor já terá conhecido, ficou ao pé da porta por onde entrara, com a cabeça baixa e em postura abeatada.

«Approxima-te beguino!» — disse com voz trémula el-rei; porque era el-rei D. Fernando o homem que se assentara.

Frei Roy deu uns poucos de passos para diante.

«Que ha de novo?» — perguntou el-rei.

«O povo cada vez está mais alvorotado e jura falar rijamente ámanhã a vossa senhoria. Mas essa não é a peior nova que eu trago!»

«Fala, fala, beguino!» — acudiu el-rei, estendendo a mão convulsa para o ichacorvos.

«É que ámanhã, emquanto vossa senhoria estiver em S. Domingos, o paço será acommettido. Pretendem matar...»

«Mentes, beguino! — gritou a dama, erguendo-se do estrado de um salto, semelhante a tigre descuberto pelos caçadores nos matagaes da Asia. — Mentes! Podem não me querer rainha: mas assassinar-me! Isso é impossivel. Amo muito o povo de Lisboa: tenho-lhe feito as mercês que posso: não me ha-de odiar assim de morte. Os fidalgos podem persuadil-o a oppor-se ao nosso casamento; mas nunca a pôr mãos violentas na pobre Leonor Telles.»

«Prouvera a Deus que eu mentisse hoje! Seria a primeira vez na minha vida — replicou o ichacorvos, com ar contrito. — Mas ouvi com meus ouvidos a ordem para o feito e a promessa da execução, haverá tres credos, na taberna de Folco Taca.»

«Miseraveis! — bradou, erguendo-se tambem, el-rei, a quem o risco da sua amante restituíra por um momento a energia. — Miseraveis! Querem sobre a cerviz o jugo de ferro de meu pae? Tel-o-hão. Quem ousa ordenar tal cousa?»

«Diogo Lopes Pacheco, do vosso conselho, o disse ao alfaiate Fernão Vasques, o coudel dos revoltosos, e vosso irmão D. Diniz estava tambem com elles» — respondeu Frei Roy.

O beguino era o espia mais sincero e imperturbavel de todo o mundo.

«Velho assassino! — exclamou D. Fernando — cubriste de luto eterno o coração do pae: queres cobrir o do filho. E tu, Diniz, que eu amei tanto, tambem entre os meus inimigos! Leonor, que faremos em te salvar?! Aconselha-me tu, que eu quasi que enlouqueci!»

O pobre e irresoluto monarcha cobriu o rosto com as mãos, arquejando violentamente. D. Leonor, cujos olhos centelhantes, cujos labios esbranquiçados revelavam mais odio que terror, lançou lhe um olhar de desprezo e, em tom de mofa, respondeu:

«Sim, senhor rei, na falta de vossos leaes conselheiros, posso eu, triste mulher, dar-vos um bom conselho. Acordae vossos pagens, que vão pregar um poste á porta d'estes paços, e mandae-me amarrar a elle, para que o vosso bom povo de Lisboa possa despedaçar-me tranquillamente ámanhã, sem profanar os vossos aposentos reaes. Será mais uma grande mercê que lhe fareis em recompensa do seu amor á vossa pessoa, da sua obediencia aos vossos mandados.»

«Leonor, Leonor, não me fales assim, que me matas! — gritou D. Fernando, deitando-se aos pés de D. Leonor e abraçando-a pelos joelhos, com um chôro convulso. — Que te fiz eu para me tractares tão cruelmente?»

«D. Fernando, lembra-te bem do que te vou dizer! O povo ou se

potelée, tremia sobre o leito: «*Vida, doçura, esperança nossa...*» E não resava mais. Oh! Mãe de Deus, apiedai-vos! Enlevo! Enlevo! Enlevo!... Borbulhavam-lhe as lagrimas nos olhos e a pobre desmaiou!...

Ao romper da manhã, voltou a si, e, morta de saudade — porque a saudade é eterna! — soluçou novamente:

Enlevo! Enlevo! Enlevo!

....

Para que ter coração?

....

Beja, 15 de agosto de 1893.

MARGARIDA DE SEQUEIRA.

MODAS

Em agosto ninguem póde esperar que lhe indiquemos modas novas; as lojas tratam de vender com reducção de preços o que recebem para a estação calmosa e o desejo de completa liquidação não permitte que apresentem novidades.

As elegantes que passaram das estações thermaes para as praias, não deixam de ter um vestido de sarja azul para os passeios no mar, mas se acharem quente esta fazenda, uzem a saia de sarja e um casaco de linho ou piquet branco com botões amarellos, peitilho bordado, gravata preta e cinto de couro. Com este costume é de rigor o chapéu de palha ou oleado á maruja e agora que o cabello se uza sobre a nuca, e os chapeus se não podem segurar com alfinetes, é forçoso recorrer ao elastico que segura muito melhor e se esconde debaixo do penteado.

Não falaremos mais nas populares blouses, mas faremos notar que não só o são esses corpos largos e sem forro, mas qualquer corpo de seda differente da saia do vestido.

N'esses corpos põem-se umas *bretelles* de renda. Algumas terminam adiante e atraz em ponta com borlas de vidrilhos brancos, ou pretos se a renda é preta. Essas *bretelles* tanto se uzam nos vestidos de *soirée* como nos de passeio. Vimos ha pouco n'uma recepção uma senhora com uma saia de setim preto e corpo decotado de crépe de chine verde claro, cruzando adiante como as blouses e fechando atraz na cintura com uma roseta. Nos hombros as *bretelles* de renda com grandes borlas de vidrilhos chegando quasi aos joelhos e as mangas do mesmo crépe de chine formando *pouff* e chegando apenas ao cotovello.

A proposito de mangas, cabe aqui dizer que se estão fazendo cada vez mais chatas nos hombros, e não tardará muito que realisemos que passou completamente a moda das mangas-balão, e nos admiraremos como podémos adoptar com enthusiasmo um estylo tão grotesco e tão pouco logico.

GIL-BERTA.

Anniversarios da semana

Domingo 20 — As sr.^{as}: Condessa de Rezende, Condessa de Louzã (D. Amelia), Viscondessa da Fonte Boa, D. Maria José Falcão Cotta e Menezes Arriscado de Lacerda (Azevedo), D. Branca Jervis d'Athouguia Ferreira Pinto Basto, D. Marianna Martha Inglez Judice, D. Constança Guedes da Silva da Fonseca, D. Maria das Dores de Mello e Castro Calheiros, D. Maria Adelaide d'Albuquerque Felner.

E os srs.: D. Francisco Manuel da Camara, D. Fernando Manuel da Camara, Antonio de Castro e Solla (Francos), Raul Pinheiro Chagas, José Frederico Amado Judice.

Segunda-feira 21 — As sr.^{as}: Viscondessa de Villa Nova d'Ourem, D. Adelaide Augusta de Lacerda de Chaby, D. Amelia Carolina Albergaria de Castro e Silva, D. Sabina Placida da Silva Monteiro Rivara.

E os srs.: Guilherme Travassos Valdez (Bomfim), Jayme Augusto Corrêa Teixeira Pinto Tameirão (Vallado), Henrique d'Andrade Pimentel e Mello, Agostinho Maria Ribeiro da Costa, João Pedro Caldeira, Jorge do Quental.

Terça-feira 22 — As sr.^{as}: Condessa de Cavalleiros, Condessa de Mafra, D. Maria d'Assumpção Almada e Castro Villas Boas (Azenha), D. Lizarda Emilia Mourão de Mendonça Côrte Real (Bucellas), D. Maria Victoria da Veiga, D. Amelia de Castro e Silva.

E os srs.: Visconde de Proença a Velha (João Filippe, Miguel Antonio de Sousa Horta (Santa Comba Dão), Joaquim Carlos Botelho Moniz, Jorge Felner Rollin.

---

rege com a espada do cavalleiro, ou elle vem collocar a ascuma do peão sobre o throno real. Quem não sabe brandir o ferro cede; deixa-o reinar.»

«Tens razão, Leonor! — disse D. Fernando, enxugando as lagrimas e alçando a fronte nobre e formosa, onde se pintava a indignação. — Serei filho de D. Pedro o cruel; serei successor de meu pae. Eu mesmo vou ao alcaçar examinar os engenhos mais valentes que cubram o terreiro de S. Martinho de pedras, de virotões e de cadaveres: os montantes e as béstas dos homens d'armas e bésteiros do meu alcaide-mor de Lisboa farão o resto. João Lourenço Bubal será fiel a seu rei. Se necessario fôr, com minhas proprias mãos ajudarei a pôr fogo á cidade, para que nem um revoltoso escape. Adeus, Leonor: conta que serás vingada.»

D. Fernando voltou-se rapido para a porta do aposento. Frei Roy estava immovel diante d'elle.

«João Lourenço Bubal — disse o espia, sem mudar de tom nem de gesto — é dos revoltosos. Ouvi-o da bôca do proprio Diogo Lopes, que o certificou a Fernão Vasques. Os trens do alcacer estão desapparelhados, e a maior parte dos homens d'armas e bésteiros do alcaide-mór eram na taberna de Folco Taca os mais furiosos contra a que elles chamam...»

«Cala-te, beguino!» — gritou el-rei, empurrando o com força e procurando tapar-lhe a bôca.

O ichacorvos parou onde o impulso recebido o deixou parar e ficou outra vez immovel diante de D. Fernando, a quem este ultimo golpe lançava de novo na sua habitual perplexidade.

«...A adultera» — proseguiu Frey Roy acabando a phrase, porque ainda a devia, e era escrupuloso e pontual no desempenho do seu ministerio.»

«Beguino! — atalhou D. Leonor, com voz trémula de raiva — melhor fôra que nunca essa palavra te houvesse passado pela bôca; porque, talvez, um dia ella seja fatal para os que a tiverem proferido.»

«Mas que faremos?!» — murmurou el-rei, com gesto d'indizivel agonia.

«Havia ainda ha pouco tres expedientes — respondeu D. Leonor, recobrando apparente serenidade — combater, ceder, fugir. O primeiro é já impossivel; o segundo!... Porque não o acceitas, Fernando? Prestes estou para tudo. Não me verás mais, ainda que, longe de ti, por certo estalarei de dôr. Cede á força: os teus vassallos o querem; quel-o o teu povo. Esquece-te para sempre de mim!»

«Esquecer-me de ti? não te vêr mais? Nunca! Obedecer á força? Quem ha ahi que ouse dizer ao rei de Portugal: — rei de Portugal, obedece á força? — Os peões de Lisboa?! Porque sou manso na paz, não crêem que a minha espada no campo da batalha côrte arnezes, como a do melhor cavalleiro? Bons escudeiros e homens d'armas da minha hoste, por onde andaes derramados? Dormis por vossas honras e solares? O povo vos acordará, como me acordou a mim; bramirá, como os lobos da serra, ao redor de vossas moradas; saltear-vos-ha no meio de vossos banquetes, por entre o ruido de vossos folgares. No ardor de vossos amores, dir-vos-ha: — desamae! — Elle ousa já dizel-o a seu rei e senhor... Oh desgraçado de mim, desgraçado de mim!»

ALEXANDRE HERCULANO.

(Continúa).

Quarta-feira 23 — As sr.as: D. Maria Victoria da Horta Machado (Alte), D. Margarida Chaves dos Santos Silva, D. Carolina Bessone Basto, D. Maria do Carmo da Camara Manuel, D. Christina Adelaide Xavier, D. Maria José Vilhena Maia.

E os srs.: Barão de Salgueiro, Manuel Joaquim da Silva Matta (Abrigada), Antonio Barreto Ferraz Sassetti, João Ignacio Tamagnini das Neves Barbosa, José Augusto de Sousa.

Quinta-feira 24 — As sr.as: D. Maria Thereza, filha do sr. D. Miguel de Bragança, Condessa de Condeixa, Condessa de Sarzedas Baroneza de Paranhos, D. Eugenia de Almeida e Vasconcellos Menezes (Lapa), D. Maria Amalia Machado Castello Branco (Figueira), D. Gertrudes Leite de Mello Alvim, D. Julia Adelaide Portugal Pereira da Silva, D. Carlota Maria Saldanha d'Oliveira e Daun, D. Maria do Carmo Santiago Pereira Lemos, D. Maria Carlota Lobo de Castro Pimentel Bernéx (Erveda), D. Maria Luiza Pimentel Pinto, D. Maria Joanna da Cunha Menezes, D. Emilia Adelaide de Mello e Sampaio.

E o sr.: Conde das Alcaçovas.

Sexta-feira 25 — As sr.as: Viscondessa de Monte São, Viscondessa de Vallongo, D. Maria Candida Bivar de Sousa.

E os srs.: Conselheiro Antonio Telles Pereira de Vasconcellos, Conselheiro Ignacio Francisco Silveira da Matta, José Francisco de Mello Valdez (Bomfim), Dr. Antonio Fausto Namorado, Commendador João José Coelho de Mello, Alfredo de Andrade, João Antonio Faustino de Ladesmas e Ornellas, José Ribeiro da Silva Junior.

Sabbado 26 — As sr.as: D. Maria do Ó Zuzarte, D. Adelaide de Magalhães Seabra, D. Margarida Pombal.

E os srs.: João José de Mello (Sabugosa), Roberto Talone da Costa e Silva, Francisco de Mello Cabral, José Maria Leotti, Fernando Leite de Sousa Pereira de Foyos Junior, Francisco Nicolau de Araujo.

EPHEMERIDES SEMANAES

12 — Parte para Badajoz grande numero de *afficionados* portuguezes, para assistirem ás duas corridas de touros que ali se realisam.

13 — Faz-se em Carcavellos a amarração do cabo submarino para os Açores.

— Realisa-se no Campo Pequeno uma tourada magnifica, em que tomou parte o espada Reverte.

— O balão *Jupiter* cae no Campo de Sant'Anna, por se lhe haver prendido a ancora nos fios telephonicos.

14 — O *Diario do Governo* insere cinco convenios internacionaes, com a Grã-Bretanha, Paizes-Baixos, Hespanha, França e Estado Independente do Congo.

15 — O jornalista Alves Correia, director da *Vanguarda*, é cobardemente aggredido junto ao Café Internacional, por dois gatunos ao serviço da policia.

16 — O *Diario* publíca os decretos reorganisando a Junta do Credito Publico e nomeando presidente d'esta o sr. conselheiro Manuel Pinheiro Chagas.

17 — Manifestam-se incendios, de madrugada, no edificio do Colyseu dos Recreios Lisbonenses e na fabrica de gelo e cerveja, ao Aterro.

18 — Experiencia official da illuminação electrica na praça do Campo Pequeno, sendo corrido um garraio.

José das Kalendas.

THEATROS E CIRCOS

Real Colyseu

Está annunciada para hoje a recita de despedida da companhia de operetta italiana, que, durante alguns mezes e com geral agrado do publico, trabalhou no Colyseu dos Recreios e no Real Colyseu.

Poucas companhias tão completas teem estado entre nós, com artistas de tanto merito, com tão variado e escolhido reportorio, com tão bom scenario e um tão excellente guarda-roupa.

N'esta companhia distinguiam-se tres artistas: Tani e as suas duas filhas, Elvira e Elena, cuja graça e talento foram devidamente apreciados.

O desempenho que nas ultimas recitas teve a *Bella Helena*, uma das melhores composições de Offenbach, foi assignalado com repetidos e calorosos applausos pelo publico que affluia ao Colyseu. Os papeis de *Helena* e a de *Páris*, que são os principaes personagens da peça, couberam ás duas irmãs Tanis. Não se representa com mais graciosa malicia, nem se dá maior relevo áquellas duas figuras, que, ha muitos annos, fizeram em França a reputação de duas grandes artistas.

Moças, sympathicas, intelligentes, com um entranhado amor da arte, Elena e Elvira Tani podem hoje ser consideradas duas notabilidades na operetta italiana.

Como são superiores e tão seperiores aos artistas hespanhoes e portuguezes que temos visto no desempenho d'aquelles papeis!

A companhia parte para Vigo, onde ha-de encontrar de certo o mesmo lisongeiro acolhimento que ultimamente teve entre nós, e que tem encontrado em todos os theatros em que se apresenta.

E agora resta-nos lamentar a ausencia da companhia, que obriga o Real Colyseu a fechar as suas portas. Ainda era a unica distracção que, n'estas noites d'agora, encontravam os habitantes. Ficarão reduzidos ao melancholico chá em familia ou á passeiata lugubre na Avenida, mal allumiada pelos candeiros de luz electrica que se escondem por entre a ramaria das acacias!

Realmente, para uma capital que se presa, e que deve ter mais aspirações do que a vêr decantado o seu marmore e o seu granito, parece-nos pouco!

*

Theatro Avenida

Prepara-se uma auspiciosa epocha de inverno no theatro da Avenida. Vão ali começar por estes dias varias obras, tendentes a aformosear aquella casa de espectaculos, que passa a ter luz electrica.

A emprezaria é a applaudida *chanteuse* Cinira Polonio e parece que a peça de reabertura é a operetta phantastica, em 3 actos e 7 quadros, original do sr. Theotonio d'Oliveira, musica do maestro Filippe da Silva, — *As bôdas do menino Izidro.*

Os principaes papeis serão confiados a Cinira, Fantony, Candida Palacios, Setta da Silva, Ignacio e Conde.

O director de scena é o conhecido actor Leoni.

*

Praça de touros

É hoje que se realisa a primeira corrida nocturna na praça de touros do Campo Pequeno.

A experiencia da luz electrica, que de allumiar a praça, foi feita na sexta feira, em espectaculo gratuito, offerecendo então a empreza um garraio para ser corrido por amadores.

O espectaculo attrahiu enorme concorrencia, a que não foi de certo indifferente a franquia da entrada. A illuminação produziu bom effeito que ainda pode ser melhorado com algumas lampadas que abatam a penumbra em que ficam algus camarotes.

Viam se muitas senhoras na plateia, e cheias as bancadas.

O novilho que veio á praça era de boa raça, ligeiro, esperto, e tão vivo e desembaraçado que desenove vezes saltou a trincheira. Parecia que tinha dentro de si a alma d'um palhaço!

Saltaram á praça diversos amadores, que farpearam o novilho, e um que lhe fez uma pega de cara.

Emfim, foi um espectaculo divertido e alegre, e que serviu de annuncio á corrida que hoje se ha-de realisar, e que attrahirá grande concorrencia. Tudo depende da disposição do curro, que talvez preferisse á hora em que se dá a corrida, estar tranquillamento a dormir, no meio da charneca!

Spectator.

Typ. Christovão — R. de S. Paulo, 60 e 62.

A SEMANA DE LISBOA é distribuida gratis aos assignantes do **Jornal do Commercio.** **A livraria Gomes** faz uma tiragem em papel especial ao preço de 5$000 réis por assignatura annual, e 100 réis avulso. — **Annuncios — 100 réis a linha.**

Editor — Antonio Carlos Antunes — Rua do Belver, 1